

A PERSONAGEM DO CONTO POPULAR E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: A AFILHADA DA DONA DO VESTIDO PRETO, DE RICARDO AZEVEDO

*The character of fairy tale and the formation of readers during
childhood: The black dress owner's goddaughter, by Ricardo Azevedo*

Deisi Luzia Zanatta¹

Recebido em: 02 fev. 2017

Aceito em: 20 fev. 2017

RESUMO

Este artigo tem como norteamo central realizar uma análise do conto *A afilhada da dona do vestido preto*, do escritor brasileiro Ricardo Azevedo, particularmente refletir sobre a trajetória de uma das protagonistas – a afilhada – que, ao descobrir que sua madrinha é a Morte, passa por vários conflitos psicológicos. Neste sentido, tal conto se faz relevante no que diz respeito à formação de leitores na infância, especialmente porque estas histórias abordam temáticas ainda consideradas tabus na nossa sociedade. Para tal, buscamos subsídios teóricos em: Eliade (1963), Welck e Warren (1949) e Corso (2004) sobre a origem e conceituação de mito, elemento presente nos contos populares; conforme Barthes (1982), o simbólico como componente fundamental da obra literária; segundo Bettelheim (2002), a relevância do conto popular na infância; e conforme Petit (2008, 2009, 2013) e Languer (2005), sobre a experiência literária. Concluímos que o conto não somente trata de um tema ainda pouco explorado na literatura, mas também da importância que tais histórias universais e mágicas, íntimas e cotidianas, fazem o leitor experimentar para entender a si mesmo e ultrapassar determinadas situações.

Palavras-chave: Conto popular. Personagem. Formação do leitor. Infância.

1 Universidade de Passo Fundo. Docente do Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Jangada, de Jaraguá do Sul - SC. Mestra e doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: deisil.zanatta@gmail.com.

ABSTRACT

This article is aimed at establishing an analysis of the tale *The black dress owner's goddaughter*, by Ricardo Azevedo, particularly to reflect upon the trajectory of the main character – goddaughter – when she finds out that her godmother is death, she goes through many psychological conflicts. So, this tale is important in terms of reader training, especially because these stories deal with themes still considered taboo in our society. To do that, we sought theoretical contributions by Eliade (1963), Wellek e Warren (1949) and Corso (2004), about the origin and concept of the myth; according to Barthes (1982), the symbolic as a fundamental component of the literary work; in Bettelheim (2002), the relevance of the fairy tale in childhood; and according to Petit (2008, 2009, 2013) and Languer (2005), about literary experience. We conclude that the story not only shows a subject rarely explored in literature, but also the importance that universal and magic stories, intimate and daily, build on the reader's experience to understand himself and transcend certain situations.

Keywords: Fairy Tale. Character. Reader training. Childhood.

INTRODUÇÃO

Ricardo José Duff Azevedo é um pesquisador, escritor e ilustrador paulista. Sua obra compreende livros para crianças e jovens. O escritor possui um número significativo de trabalhos acadêmicos, dentre eles artigos, dissertações e teses, os quais dedicam um olhar específico à sua produção literária. Porém, alguns temas tabus presentes nestas histórias – como a morte – ainda são pouco explorados e analisados, o que é lamentável, pois a obra deste escritor é suscetível de muitas leituras e abordagens.

Com base nisso, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a trajetória de uma das protagonistas – a afilhada – ao se deparar com a morte. Neste sentido, apontamos a relevância da análise desta personagem, peça fundamental para que o leitor ainda na infância compreenda o mundo em que está inserido. Salientamos a importância desta temática, pois a história em questão pode auxiliar na formação leitora de crianças, etapa fundamental para a formação do pensamento crítico do cidadão.

Levando em consideração que a linguagem é composição fundamental da literatura e da cultura, sejam elas orais ou escritas, nesta

pesquisa apresentamos a conceituação do mito conforme teoria proposta por Eliade (1963), Wallek e Warren (1949), e Corso (2004), a língua plural da obra literária geradora da pluralidade de sentidos conforme postula Barthes (1982), por fim a relevância da leitura do conto popular na infância e as vivências que a literatura propicia de acordo com Petit (2008, 2009, 2013), Languer (2005) e Bettelheim (2002).

Há um consenso de que a leitura da literatura propicia experimentar e ressignificar situações do leitor diante do mundo, fazendo com que ele amplie seus horizontes e emancipe-se ao dialogar com o texto. É o que se observa no conto por meio das protagonistas, a afilhada e a madrinha. O contato do leitor em formação com um assunto delicado como a morte, personificada na figura de uma personagem, possibilita a compreensão de que vivenciar tal situação é uma parte inerente do ser humano.

Logo, justificamos a abordagem temática da história escolhida para este trabalho devido à importância de se analisar um conto desta proporção a partir de um conteúdo ainda considerado tabu pela sociedade. O artigo será dividido em duas seções. Na primeira, apresentamos a conceituação de mito, elemento que compõe os contos populares. Na outra parte, trazemos o enredo e personagens da narrativa. Por fim, analisamos o enredo da história, fazendo um cotejo interdisciplinar com as teorias que embasam este trabalho.

A RAIZ DO CONTO POPULAR

Grande parte dos contos populares que circulam da oralidade às compilações e chegam até os leitores possui raízes originárias em mitos arcaicos. Os mitos, como são conhecidos pela maioria das pessoas, são narrativas sagradas que ocorreram em um tempo passado ao nosso atual e que, em geral, tentam explicar a origem das coisas que acontecem no mundo, tais como: como e porque surgiu o homem, as plantas, os animais, entre outros. Em suma, por meio destas histórias criam-se mitos com o objetivo de tornar compreensível a existência humana.

Conforme Eliade (1963), nas sociedades arcaicas primitivas os mitos estão ainda vivos, fundamentando e justificando todos os comportamentos e atividades do ser humano. Nestas sociedades, povos indígenas diferenciam cuidadosamente os mitos – histórias verdadeiras – das fábulas ou contos a que chama de histórias falsas. O

teórico considera tal distinção significativa, pois ambas as categorias apresentam histórias que relatam uma série de acontecimentos que ocorreram num passado longínquo e fabuloso. Embora as personagens destas narrativas sejam deuses e criaturas sobrenaturais, e as dos contos heróis ou animais maravilhosos, todas estas personagens possuem um ponto em comum: não pertencem ao mundo vulgar.

De acordo com Eliade “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1963, p. 12). Este estudioso ainda ressalta que os mitos relatam não só a origem do mundo, dos seres humanos, dos animais, vegetais, mas também todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se transformou naquilo que é hoje: um ser mortal, sexuado, que vive e trabalha em sociedade obedecendo à determinadas regras. Se o mundo e o homem existe é porque os Seres Sobrenaturais desenvolveram uma atividade criadora nas origens. Eliade (1963) congrega que o fato de o mito relatar ações de seres sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.

Conforme o Dicionário Caldas Aulete (1974, p. 2381), mito significa: “Mito. s. m. 1. Fato ou passagem da fábula; 2. Narração de um fato físico ou moral feita sob a forma simbólica de alegoria; 3. Coisa que não tem uma existência real; coisa em que não se crê: quimera; utopia. 4. Pessoa ou coisa incompreensível; 5. Enigma”.

Wallek e Warren em Teoria da Literatura, citam S.H. Hooke e referem-se ao mito como um conjunto de histórias de cunho narrativo, compostas por escritores anônimos “relativas às origens e aos destinos: essas explicações que uma sociedade oferece aos seus jovens, das razões por que existe o mundo e nós agimos como agimos, das imagens pedagógicas da natureza e do destino do homem” (WALLEK; WARREN, p. 236).

Já segundo Mário Corso (2004, p. 13),

Eles fazem pensar. O mito expressa o que não se pode dizer de outra maneira. Um mito não traz uma única explicação, ele é um gerador de sentido; suas explicações sempre são múltiplas e comportam vários planos. Uma vez que o homem está só no cosmos e aceita mal essa condição, sempre imaginou um universo maior e povoou o mundo com seres mágicos e monstruosos.

Corso (2004) postula que o tempo do mito não acabou. Ao contrário, a nossa busca por monstros, seres imaginários e sobrenaturais em qualquer meio de comunicação, seja em livros, filmes ou séries de televisão, deixa transparente o quanto ainda necessitamos de suas presenças. Em algum momento da nossa vida, em nossa alma, os personagens destas narrativas vão encontrar eco, inclusive por que as situações que os engendram de alguma forma ainda estão vivas. Ainda para este estudioso “os mitos atravessam os tempos, mas trocam de roupa. Cada geração dá o seu colorido, recicla, introduz algo novo” (CORSO, 2004, p. 14).

Independentemente de qual for a origem e designação dos contos populares podemos afirmar que as narrativas mitológicas parecem estar além da mortalidade, pois ultrapassam o tempo e o espaço, constituindo na contemporaneidade um importante marco no contato da criança com a leitura da literatura.

A PERSONAGEM DO CONTO POPULAR E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA

A afilhada da dona do vestido preto é uma história que evidencia o que a falta de conhecimento sobre a morte pode ocasionar na subjetividade de uma criança. A história versa sobre uma personagem que é criada pela Morte, mas que desconhece a verdadeira identidade de sua bemfeitora bem como seu pai, aquele que escolheu a madrinha para a filha.

O início da história já é representativo ao leitor, pois encontro do pai com a mulher vestida de preto – a morte – que se oferece para batizar sua filha ocorre em um lugar simbólico: uma encruzilhada, representando que o pai precisa encontrar um caminho, tomar uma decisão. Após várias trilhas percorridas, é preciso escolher uma que não terá mais volta. Percebemos que a preocupação do pai não era com o caráter da madrinha de sua filha, mas sim com as condições financeiras favoráveis e isso se evidencia quando, ao regressar para casa, conta o grande feito para sua esposa, embora esta pressentisse que a escolha do marido fosse duvidosa.

Na maioria dos casos, o padrinho e a madrinha são escolhidos devido aos laços afetivos estreitados com os pais da criança, configurando pessoas conhecidas e de confiança para zelar por ela. A forte ligação

amorosa com a filha faz a mãe sentir que algo aconteceria e sua suspeita se confirma quando seus olhos encontram os da madrinha na porta da igreja. Aqui, a relação de ambas não é de amizade, mas sim de disputa, uma é o oposto da outra – a mãe representa a vida e a madrinha, a morte.

O texto evidencia que a morte nos acompanha sempre: é a eterna madrinha de todos; e tal assertiva se concretiza quando visita sua afilhada no intuito de tirar a vida da mãe da menina. O falecimento da mãe deixa claro que a criança precisa entrar em contato com o mundo fora das paredes do lar e encarar o que a vida proporciona a fim de atingir o amadurecimento. E quem proporciona tal experiência é a própria madrinha que reivindica o seu direito junto ao pai da criança:

Ninguém sabe como, ela tinha sabido da morte da pobre mulher. Disse que tinha vindo buscar a menina.

– Sou a madrinha!

O pai ficou confuso. Não sabia nem o que pensar, nem o que fazer, nem o que dizer. Olhou seus seis filhos. Olhou a menina no colo da dona rica. Baixou a cabeça. Disse que sim (AZEVEDO, 2015, p. 56).

O conto popular nos fala de sentimentos que em alguns momentos se encontram reclusos em nosso inconsciente. A morte de certa forma toma conta de nossa vida até o momento de partirmos com ela. A linguagem simples e amena do texto deixa explícitas as marcas da oralidade, que permitem falar sobre a morte não de maneira negativa ou triste, mas como parte que integra a nossa vida, pois em algum momento todos vamos ter de lidar com ela. O fato de a narrativa ser ficção, uma história inventada, propicia ainda a produção de mais sentidos por parte do leitor, porque ajuda a tornar possível a experiência da vida.

Deste modo, a leitura, por permitir um distanciamento da realidade concreta, possibilita o estímulo do senso crítico, “que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização; mas também porque abre um espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas” (PETIT, 2008, p. 25). O leitor, então, transforma o texto e é transformado por ele, pois opera um trabalho produtivo, entendido como uma reescrita.

Se num espaço marcado por adultos que algumas vezes possuem dificuldade em lidar com temas delicados como a morte, o que dizer das crianças? A menina, agora uma jovem moça, após abrir a porta que revela a verdadeira identidade de sua madrinha, foge imediatamente do

local onde fora tão bem-criada. Acontece com esta personagem o que ocorre com muitas pessoas reais, ou seja, o medo de estar próximo da morte nos faz não pensar em tal assunto, muito menos mencioná-lo. A afilhada tem o direito de percorrer todos os espaços onde vive com a madrinha, menos adentrar o lugar onde a verdade se encontra. Ao se deparar de frente com a morte, da pior maneira possível a personagem entra em estado de choque, pois fôra privada de um assunto que lhe era de direito.

Michèle Petit (2008) afirma que a leitura tem o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas. Viabilizar a leitura do conto significa preparar o pequeno leitor para enfrentar um tema que na maioria das vezes não é mencionado para ele por decorrência de proteção paterna. Assim, a leitura da literatura nos permite experimentar determinadas situações, atingir o amadurecimento, a fim de que possamos resolver os percalços da vida. No caso dos leitores em formação, as crianças, Bettelheim (2002) é categórico ao afirmar que por meio das narrativas populares

[...] pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. Como a criança, em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhes são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam (BETTELHEIM, 2002, p. 5).

A fantasia exerce papel fundamental na formação da subjetividade da criança, pois sem a imaginação ela não consegue construir sua identidade. As histórias populares nos falam de sentimentos muitas vezes reclusos em nosso inconsciente e ao serem despertados de forma brusca, como acontece com a jovem moça da história, eles nos fazem querer fugir de algo que é inerente ao nosso ser. A vida ensina para a personagem desta história aquilo que a sua madrinha lhe ocultara.

Segundo Languer (2011), a literatura exerce um papel fundamental na vida, mesmo que não percebamos, pois estabelece o cenário para que exploremos e (re)definamos tanto a nós mesmos como aos outros, para que saibamos quem podemos vir a ser e como o mundo pode vir a ser. Essa mesma estudiosa ainda enfatiza que a experiência subjetiva ocorre quando olhamos para o nosso interior na busca por significados e

compreensões, quando trazemos novas experiências e ideias ainda mais para dentro de nós mesmos a fim de podermos enxergá-las por meio de uma perspectiva interna. Com isso, tratar do tema “morte” com o leitor desde pequeno é fazer com que ele possa construir as suas próprias vivências e escolher a melhor maneira de lidar com tal assunto.

A afilhada, ao ser encontrada após a fuga pelo filho do dono das terras da redondeza, casa-se e, com o passar do tempo, torna-se mãe de dois filhos. Porém, a personagem não revela sua verdadeira origem aos novos familiares. Esta cena, portanto, além de constituir uma representação simbólica do medo e da paranoia provocados pelo contato assustador com a morte, principal elemento problematizador da história, mostra os perigos da não exploração de um tema complexo e delicado.

É justamente o oposto a isso que o conto popular escolhido para análise proporciona, ou seja, um diálogo entre temas tabus e os pequenos leitores, uma vez que é na infância que se inicia a percepção dos sentimentos pela criança. Por meio da fantasia, a criança consegue conhecer e controlar a perda, bem como criar uma válvula de escape para descarregar a dor e o sofrimento.

Esta assertiva se evidencia a partir do momento que a morte encontra a moça para um acerto de contas, ocasionando uma série de conflitos tanto internos quanto externos na afilhada. Após um embate discursivo, a madrinha parte com o filho da jovem mulher e daí por diante passa a não falar, resultando numa série de indagações por parte da família sobre o que teria acontecido com a criança. O caso se agrava quando a morte volta e leva o segundo filho e as suas palavras deixam clara a grande mágoa da madrinha: “– Você não presta! Você mentiu! Eu dei a você tudo o que eu tinha! Mal-agradecida! Agora eu vim pra levar o seu outro filho!” (AZEVEDO, 2015, p. 59). A afilhada experiencia a solidão que a falta dos filhos lhe proporciona como a morte ao ser abandonada.

Petit (2009) enfatiza que em algum momento da vida todos nós somos um “espaço em crise” e a afilhada da morte parece viver esse dilema. Com a perda do segundo filho, a depressão da moça se aprofunda, representando o que a falta de contato e preparação sobre assuntos complexos, no caso a morte, ocasiona nas pessoas. Cumpre mencionar que os demais familiares também desconhecem a origem e os conflitos da moça com a morte e por isso a acusam sobre o desaparecimento das crianças, condenando-a ao enforcamento. A moça, ao se casar e construir sua própria família, pensa ter se distanciado da situação que

impulsionou sua fuga, mas por causa da falta de vivências não percebe que a morte nos encontra em qualquer lugar, já que é peça central no círculo da vida.

Barthes (1982) postula que entre o respeito pelo texto e o desejo de lhe atribuir um significado, a nova crítica passou gradativamente a ver a literatura como uma linguagem plural, que trava com o leitor uma conversa infinita. Segundo esse estudioso, a obra ultrapassa o tempo, não porque sugere um único sentido a vários homens, mas sim porque propicia sentidos diferentes a um único homem. É o que acontece com os contos populares. A cada (re)leitura o leitor é convidado a (re)significar os sentidos que o texto lhe proporciona, ou seja, novas experiências são formuladas. Nisto reside o caráter simbólico da obra, isto é, a pluralidade de sentidos. Conforme Barthes (1982), “[...] a língua simbólica, à qual pertencem as obras literárias é por estrutura uma língua plural; cujo código é feito de tal sorte que toda palavra (toda obra) por ele engendrada tem sentidos múltiplos” (BARTHES, 1982, p. 214).

Diante do exposto, as características das narrativas populares possibilitam que o leitor produza sentidos a partir daquilo que lê, isto é, compreenda situações da vida real por meio da ficção. É o que de certa forma a história proporciona ao leitor, ou seja, encontrar a morte faz com que a afilhada cresça e amadureça psicologicamente, pois é somente através do contato com as situações complicadas proporcionadas pela vida que poderemos superá-las. Conforme Petit (2008) “em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra” (PETIT, 2008, p. 7).

A área da fantasia é um espaço em potencial que, muitas vezes, repousa no interior de cada um de nós, mas que é preciso ser vivenciada. A literatura permite uma experimentação por parte do sujeito na linha divisória que delimita o espaço interior e exterior. Nesse sentido, a cada releitura o leitor percebe que a vida e a morte são ciclos, e ao (re) significar tais elementos percebe a morte como algo do qual não se pode escapar. Ao negar o direito de a afilhada tomar conhecimento sobre a sua verdadeira identidade, a madrinha de uma forma ou outra limita a imaginação da criança de como lidar com a morte e com as sensações que dela emergem.

Estes sentimentos ficam cada vez mais explícitos quando, prestes a ser enforcada, a moça e seus familiares avistam um vulto na estrada

–uma mulher vestida de preto carregando uma criança no colo e segurando outra pela mão. O reencontro da madrinha com a afilhada encerra uma trajetória do desconhecimento acerca da morte. O contato entre ambas faz a morte perceber que é chegada a hora de acabar com o castigo submetido à afilhada. Esta, por sua vez, percebe os sentimentos da morte para consigo e lhe pede perdão pelo abandono. A narrativa assim assinala essa cena:

A dama do vestido preto aproximou-se da moça com a corda no pescoço. As duas ficaram paradas uma na frente da outra.
A moça agachou e agarrou e abraçou e beijou os filhos. Depois ficou em pé com o menor no colo e disse:
– Me perdoa!
O espanto foi geral: a moça que não falava voltou a falar!
A dona do vestido preto examinou a moça.
As lágrimas escorriam de seus olhos de pedra.
Em seguida, olhou para todos, um por um, sorriu, virou-se e desapareceu no espaço infinito (AZEVEDO, 2015, p. 61).

O ato de pedir perdão e a perda momentânea dos filhos significam que a afilhada, agora, entende o sentido que a morte exerce na vida das pessoas. O não contato com o assunto pode ocasionar uma série de conflitos internos nas crianças como acontece com a menina no conto. Após transgredir o medo da morte e entender que um dia ela vem ao nosso encontro, a moça consegue lidar com o assunto de forma tão natural que, ao final da narrativa, se torna a própria morte. Isto significa que somos o resultado daqueles que nos criaram, ou seja, se violarmos o direito de as crianças conhecerem assuntos complexos não estaremos preparando-as para ultrapassarem os obstáculos da vida e se tornarem amadurecidas subjetivamente. A criança, no decorrer de seu desenvolvimento psicológico “deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa” (BETTELHEIM, 2002, p. 4).

Assim, a leitura de contos populares viabiliza a aproximação do leitor em formação com temáticas que dizem respeito à condição humana concreta, que possa ser “em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo” (PETIT, 2013, p. 41). Em suma, a literatura permite a compreensão do homem no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo realizamos uma leitura do conto *A afilhada da dona do vestido preto* com o objetivo de refletir sobre a trajetória da personagem - a afilhada – que, ao entrar em contato com a morte, passa por diversos conflitos subjetivos. O conto é relevante para o processo de formação do leitor na infância, justamente porque aborda um tema muitas vezes difícil de ser mencionado. Para tanto, propusemos uma retomada sobre a origem e denominações destas narrativas conforme Eliade (1963), Wellek e Warren (1949) e Corso (2004), a apresentação do enredo e, após, a análise com base em um diálogo com os estudos de Barthes (1982), Bettelheim (2002), Languer (2011) e Petit (2008, 2009, 2013). Nosso objetivo foi alcançado, uma vez que a análise da trajetória da afilhada permite ao leitor compreender que as situações experienciadas pela personagem são vivenciadas por pessoas reais.

Logo, as passagens e elementos do texto literário nos fazem refletir sobre a importância de abordar temas “delicados” com as crianças através da literatura. Além disso, apontar a atualidade do conto popular, especialmente os escritos por Ricardo Azevedo, é fundamental para a fortuna crítica do escritor, bem como para levantar questões de caráter problemático em suas narrativas. A análise de *A afilhada da dona do vestido preto*, proposta neste trabalho, não é a única, tampouco seria nossa intenção esgotar as várias possibilidades de reflexão e discussão a respeito do enredo da história. Azevedo (2015) criou uma narrativa permeada de múltiplos sentidos, capaz de ser alvo de diversas interpretações a partir de diferentes olhares ou abordagens teóricas.

Portanto, através desta análise, nossa preocupação se voltou para o alerta presente no conto de Ricardo Azevedo de como a falta de uma abordagem sobre temas delicados – neste caso, a morte – pode ocasionar problemas psicológicos traumáticos nas pessoas, principalmente nas crianças. A personagem representa pessoas que passam por traumas ao entrarem em contato com a morte sem terem conhecimento sobre o assunto. Então, chamar a atenção para esta questão torna-se vital para a formação do leitor na infância, uma vez que através da literatura é possível abordar tal assunto de uma forma mais objetiva e com isso a criança pode passar a compreender que a morte faz parte da vida.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1974.
- AZEVEDO, Ricardo. A afilhada da dona do vestido preto. In: _____. **O moço que carregou o morto nas costas e outros contos populares**. Ilustrações de Catarina Bessel. São Paulo: Melhoramentos, 2015.
- BARTHES, Roland. Crítica e verdade. In: _____. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 187-230.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CORSO, Mário. **Monstruário**: inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros. 2ª ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1963.
- LANGUER, Judith A. **Pensamento e experiência literários**: compreendendo o ensino de literatura. Trad. Luciana Lullhier e Maria Lúcia Bandeira Vargas. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 5ª ed. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, s.d.